

*8 de Abril*

Minha querida Varvara Alekséievna!

Ontem fiquei feliz, extremamente feliz, feliz até mais não! Ao menos uma vez na vida, a menina, teimosa como é, deu-me ouvidos. Ao entardecer, pelas oito horas, acordei (a minha querida sabe que eu, de vez em quando, gosto de dormir um pouco depois do trabalho), peguei numa vela, preparei os papéis, aparei uma pena, e de súbito, casualmente, ergui os olhos — palavra, o meu coração deu um pulo! De modo que a menina compreendeu aquilo que eu queria, aquilo que o meu coraçãozinho queria! Vejo um cantinho da cortina da janela dobrado e preso ao vaso das balsaminas, exactamente como eu da outra vez lhe sugeri; e pareceu-me então que a sua carinha surgiu por um instante à janela, e que olhou para mim do seu quarto, e que pensava em mim. E que aborrecimento o meu, minha querida, não poder ver bem a sua carinha! Houve um tempo em que eu também via muito bem, minha cara. A velhice não é brincadeira, minha querida! Pois mesmo agora tudo parece turvar-se-me nos olhos; é só trabalhar um pouco à noite, escrever alguma coisa, e de manhã os olhos estão vermelhos, e correm-me as lágrimas, de modo que até sinto vergonha diante de outras pes-

soas. E, no entanto, na minha imaginação iluminou-se de tal modo o seu sorriso, meu anjo, o seu sorriso bondoso, o seu sorriso afável; e no meu coração tive exactamente a mesma sensação que daquela vez em que a beijei, Várenka — lembra-se, meu anjo? Sabe, minha pombinha, pareceu-me até que a menina me ameaçou com o dedinho. Foi mesmo, sua traquinas? Descreva-me sem falta tudo isso na sua carta.

Bom, e que tal acha a nossa ideiazinha sobre a sua cortina, Várenka? Primorosa, não é verdade? Esteja eu sentado a trabalhar, ou deitado na cama, ou a acordar, e já sei que a menina pensa em mim, que se lembra de mim, e que está de boa saúde e alegre. Se baixa a cortina — quer dizer, adeus, Makar Alekséievitch, são horas de dormir! Se levanta a cortina, significa bom dia, Makar Alekséievitch, que tal dormiu, ou: como está a sua saúde, Makar Alekséievitch? Eu, pelo meu lado, graças ao Criador, estou bem de saúde e bem-disposta! Já vê, minha querida, como isto foi bem pensado; e nem são precisas as cartas! Engenhoso, não é verdade? E a ideia foi minha! Então, que tal sou eu nestas coisas, Varvara Alekséievna?

Informo-a, minha querida Varvara Alekséievna, de que esta noite dormi bastante bem, ao contrário do que esperava, pelo que estou muito contente. Ainda que em novos apartamentos, com a mudança, seja sempre difícil dormir; há sempre alguma coisa que não está como deve ser! Levantei-me como um verdadeiro falcão — que é uma alegria ver! Que bela manhã esta, minha querida! Aqui abriram o postigo; o Sol brilha, os passarinhos gorjeiam, o ar está impregnado de aromas primaveris, e toda a natureza se anima — bem, e tudo o resto estava também em concordância; tudo em ordem, tudo primaveril. Hoje até sonhei de um modo bastante agradável, e todos os sonhos eram consigo, Várenka. Comparei-a a si com uma avezinha do céu, criada para a alegria das pessoas e o embelezamento da natureza. E então pensei, Várenka, que também nós, as pessoas que vivem preocupadas e inquietas, devíamos

invejar a felicidade despreocupada e inocente das aves do céu — bom, e também assim tudo o resto de maneira idêntica; ou seja, fiz todas essas comparações distantes. Eu tenho ali um livro, Várenka, em que há tudo isso, tudo assim descrito, com muito pormenor. Escrevo isto porque me acontece toda a espécie de sonhos diferentes, minha querida. E agora que é Primavera, e todos os pensamentos são tão agradáveis, espirituosos, divertidos, e os sonhos são ternos; todos cor-de-rosa. Foi por esse motivo que escrevi tudo isto; de resto, tirei tudo do livro. O autor revela um tão grande desejo de versos e escreve:

*Porque é que eu não sou ave, uma ave de rapina?*<sup>2</sup>

Etc. Há ali ainda vários pensamentos, mas deixá-los! Mas aonde é que a menina foi esta manhã, Varvara Alekséievna? Ainda eu não estava a preparar-me para o serviço, e já a menina, como uma autêntica avezinha primaveril, esvoaçava do quarto e caminhava toda alegre pelo pátio. Que alegre que eu estava ao olhar para si. Ah, Várenka, Várenka! Não se entristeça; não se deve ajudar a mágoa com lágrimas; isso sei-o eu, minha querida. Isso sei-o por experiência. Agora que está tão tranquila, até a sua saúde melhorou um pouco. Bem, o que é feito da sua Fedora? Ah, que bondosa mulher que ela é! Escreva-me, Várenka, diga-me como vive agora com ela e se estão todos contentes. Fedora é um pouco rabugenta; mas não ligue a isso, Várenka. Deixá-la. Ela é tão bondosa!

Já lhe escrevi a si sobre a nossa Teresa aqui — também é uma mulher bondosa e fiel. E o que eu me inquietei por causa das nossas cartas! Como serão elas entregues? Mas eis que de repente o Senhor, para nossa felicidade, nos enviou Teresa. Ela é uma mulher bondosa, submissa, taciturna. Mas a nossa senhoria é simplesmente impiedosa. Sobrecarrega-a de trabalho como se fosse um trapo qualquer.

Imagine em que buraco me vim meter, Varvara Alekséievna! Que apartamento este! Como sabe, eu dantes vivia num lugar muito silencioso: tranquilo, sossegado; se acontecia uma mosca voar, ouvia-se a mosca. Mas aqui há barulho, gritos, vozeria. Mas a menina ainda não sabe como tudo isto aqui está organizado. Imagine, por exemplo, um longo corredor, completamente escuro e sujo. Do lado direito há uma parede cega, do lado esquerdo portas e mais portas, como de quartos, que se estendem assim em fila. Bem, alugam esses apartamentos, nos quais há apenas um quarto em cada; e em cada um vivem duas ou três pessoas. Não se pergunte por ordem — é uma arca de Noé! De resto, ao que parece, são boas pessoas, todos muito instruídos, eruditos. Há um funcionário público (trabalha algures no campo da literatura), homem muito lido: fala de Homero, e de Brambeus<sup>3</sup>, e de vários outros autores, fala de tudo, fala de tudo — um homem inteligente! Vivem dois oficiais, que estão sempre a jogar às cartas. Vive também aqui um sargento-ajudante; vive um professor inglês. Espere, eu vou diverti-la, minha querida; na minha próxima carta vou descrevê-los satiricamente, ou seja, como eles se dão lá entre si, com todos os pormenores. A nossa senhoria — uma velhota muito pequenina e suja — anda o dia inteiro de chinelos e de roupão, sempre a gritar com a Teresa. Eu vivo na cozinha, ou mais correto será dizer assim: aqui ao lado da cozinha há um quarto (é preciso notar que a nossa cozinha é limpa, luminosa, muito boa), um quarto pequenino, um canto bastante modesto... isto é, ou, dizendo ainda melhor, a cozinha é grande, com três janelas, e ao longo da parede transversal há um tabique, de modo que há uma espécie de quarto, suplementar; tudo é espaçoso, acolhedor, e tenho uma janela e tudo — numa palavra, é tudo confortável. Bom, pois esse é o meu cantinho. Bem, por isso não pense, minha querida, que há aqui alguma coisa de sentido oculto; que, como quem diz, é uma cozinha! — isto é, bem pode ser que eu, neste meu quarto, viva mesmo atrás de um

tabique, mas isso não importa; estou isolado de todos, vivo tranquilamente. Coloquei aqui uma cama, uma mesa, uma cómoda, um par de cadeiras, pendurei um ícone. É certo que há apartamentos melhores — há talvez até muito melhores —, mas o conforto é o principal; porque eu faço tudo pelo conforto, e não pense que é por outra coisa qualquer. O seu postigo fica em frente, do outro lado do pátio; e o pátio é estreito, vemo-la de passagem — a mim, infeliz, tudo me alegra, e é barato, além disso. Aqui, o pior dos quartos, com mesa, custa trinta e cinco rublos. Está acima das minhas posses! Mas o meu apartamento custa-me sete rublos, e a mesa cinco rublos: aqui temos vinte e quatro e meio, e antes pagava trinta rublos certos, por isso renunciei a muitas coisas; nem sempre bebia chá, e agora poupei para o chá e para o açúcar. Sabe, minha querida, não beber chá dá uma certa vergonha; aqui há bastante gente, portanto é vergonha. Bebo o chá por causa deles, Várenka, pelas aparências, pelo bom-tom; e, por mim, tanto faz, não sou caprichoso. Ora calcule, para dinheiro de bolso — sempre é preciso ter algum —, para um par de botas, uma roupinha de vestir — quanto é que sobra? Lá se vai todo o meu ordenado. Eu não me queixo e estou contente. Ele é suficiente. Há vários anos que é suficiente; tenho também alguns prémios. Bem, adeus, meu anjo. Comprei para si um par de vasos com balsaminas e gerânios — não foram caros. Mas gosta talvez também de resedas? Também há resedas, escreva-me; mas escreva tudo o mais possível em pormenor. De resto, não pense nada de estranho nem suspeite, minha querida, por eu ter alugado um quarto como este. Não, fui levado pelo conforto, e só o conforto me seduziu. Porque eu, minha cara, poupo dinheiro, ponho de parte; tenho algum dinheirito. Não repare no facto de eu ser tão sossegado que até uma mosca pode parecer ferir-me com uma asa. Não, minha cara, eu não me descuido comigo, e de carácter sou uma pessoa decente, firme e de alma totalmente serena. Adeus, meu anjo! Escrevi-lhe quase duas

folhas, e há muito que é tempo de sair para o emprego. Beijolhe os seus dedos, minha cara, e sou

seu humilde criado e fidelíssimo amigo,  
Makar Diévuchkin

P. S. Uma coisa lhe peço: responda-me, meu anjo, o mais pormenorizadamente possível. Envio-lhe com esta, Várenka, uma libra de bombons; coma-os, pois, e que lhe façam bom proveito; e, por amor de Deus, não se preocupe comigo nem esteja desgostosa. Bem, adeus, minha querida.

*8 de Abril*

Estimado senhor Makar Alekséievitch!

Sabe que tenho finalmente de me zangar a sério consigo? Juro-lhe, meu bom Makar Alekséievitch, que para mim é até penoso receber os seus presentes. Sei o que eles lhe custam, que privações e renúncias são necessárias para si mesmo. Quantas vezes eu já lhe disse que não preciso de nada, absolutamente nada; que não tenho possibilidade de o compensar nem pelos favores com que me tem cumulado até agora? E para que quero eu os vasos? Bem, as balsaminas, ainda vá, mas para quê os gerânios? Basta dizer uma palavrinha por descuido, p. ex. sobre esse gerânio, e o senhor vai logo comprar; porque isso é caro, não é verdade? Que encanto são as flores! Umas cruzinhas es-carlates. Onde é que arranjou uns gerânios tão bonitinhos? Coloquei-os no meio da janela, no lugar mais visível; ponho um banco no chão e em cima do banco ponho as flores; deixe-me só enriquecer eu própria! A Fedora não pára de se alegrar; ago-